

COLUNA

Carnaval 2025

LENDAS DE ASSOMBRAÇÕES DAS MATAS E DAS CIDADES: A APOSTA DA VILA ISABEL PARA O CARNAVAL DE 2025

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

A Unidos de Vila Isabel promete transformar a Sapucaí em um território mágico e assombrado no Carnaval de 2025. Com o enredo “Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece”, a escola mergulha no imaginário popular brasileiro, trazendo à avenida um desfile repleto de mistérios, lendas e criaturas fantásticas. Sob a direção criativa do carnavalesco Paulo Barros, conhecido por suas inovações e espetáculos visuais impactantes, a Vila Isabel pretende surpreender o público com uma viagem que mistura o humor, o sobrenatural e a riqueza cultural das crenças que atravessam gerações. Mas de onde vêm essas assombrações? Elas habitam histórias contadas à beira da fogueira, sussurradas por avós antes de dormir ou espalhadas pelos becos das cidades à noite. São personagens como o Saci, a Cuca, o Boitatá e tantos outros que fazem parte da memória coletiva do Brasil, moldando medos e encantamentos ao longo do tempo. A Vila Isabel, com sua tradição de enredos narrativos e envolventes, tem em mãos um tema que não apenas diverte, mas

¹ Professor Auxiliar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

também provoca reflexões sobre como o imaginário popular reflete os medos e desejos de um povo.

Para se ter uma ideia da riqueza cultural que a Vila colocará na Avenida do Samba, falemos um pouco de duas figuras que serão emblemáticas no desfile e que se relacionam com temas atuais e urgentes no que tange o debate ambiental: o Boitatá e o Curupira. Se são assombrações, o são para quem? O Boitatá, muitas vezes descrito como uma cobra de fogo com olhos incandescentes, é uma entidade que protege as matas contra aqueles que a incendiam. Suas origens remontam às narrativas indígenas, mas foi nos registros dos colonizadores que ganhou fama, aparecendo pela primeira vez na literatura com o padre José de Anchieta, no século XVI. Seu nome vem do tupi *Mboî tatá*, que significa “cobra de fogo”, e sua função é clara: vigiar os campos e florestas contra incêndios criminosos. Na imaginação popular, sua luz serpenteante era um aviso, um castigo para aqueles que queimavam a terra sem necessidade.

Hoje, em um Brasil onde incêndios devastam a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal, o Boitatá ressurge como um alerta ainda mais sombrio. O que antes era lenda virou estatística: em 2022, durante o governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, o Brasil registrou um aumento alarmante nas queimadas, resultado direto do avanço desenfreado do agronegócio sobre áreas protegidas. Durante os anos de governo Bolsonaro, o Brasil viu suas florestas arderem como nunca. Sob a justificativa de um suposto “desenvolvimento”, o país mergulhou em uma política ambiental de terra arrasada, onde a destruição da Amazônia, do Cerrado e do Pantanal foi estimulada por um discurso oficial que criminalizou ambientalistas e afrouxou qualquer tipo de fiscalização. O ápice desse desmonte foi a infame declaração do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que, em meio à pandemia de Covid-19, afirmou ser necessário “passar a boiada”, aproveitando a crise sanitária para desmontar regulações ambientais sem resistência da sociedade. E passaram. O desmatamento disparou, os órgãos de proteção foram sucateados e os povos

indígenas, que há séculos protegem essas terras, tornaram-se alvos ainda mais vulneráveis da violência e do avanço do agronegócio predatório.

Mas se o governo Bolsonaro tentou calar vozes, o Carnaval de 2025 promete respondê-lo com força e poesia. O desfile da Vila Isabel, com o enredo “Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece”, pode ser lido como uma metáfora perfeita do Brasil dos últimos anos. Afinal, quanto mais a população clamava por justiça, mais fantasmas surgiam no governo, assombrando o meio ambiente, os direitos humanos e a própria democracia. No entanto, a avenida não é um lugar de silêncio e submissão – é território de resistência. Se Bolsonaro e Salles tentaram transformar o Brasil em um cemitério de árvores e tradições, o Carnaval pode ressuscitar nossos encantados, nossos guardiões e nossos protestos. O Boitatá e o Curupira, figuras que devem ganhar destaque no desfile, representam o espírito de uma floresta que não se rende, de uma cultura popular que sobrevive aos ataques do poder. O samba-enredo pode ser a resposta artística para a destruição promovida entre 2019 e 2022. A Sapucaí pode se tornar um grande tribunal popular, onde a memória dos crimes ambientais será exposta com ironia e potência. A Vila Isabel, com a estética ousada de Paulo Barros, tem nas mãos a oportunidade de traduzir essa revolta em imagens impactantes: árvores renascendo das cinzas, fantasmas de madeireiros sendo perseguidos por assombrações indígenas, uma floresta viva engolindo os escombros do descaso.

O fogo, que nas histórias era controlado pela entidade flamejante Boitatá, agora parece correr sem freios, alimentado pela ganância e pela destruição ambiental. Se o Boitatá assombrava aqueles que brincavam com fogo, quem deveria temê-lo hoje são os que lucram com a devastação da floresta. Já o Curupira, com seus cabelos vermelhos e pés virados para trás, é outro guardião das matas. Sua astúcia e ferocidade fazem dele um verdadeiro terror para caçadores e exploradores que se aventuram a derrubar árvores sem necessidade. Seu maior truque? Confundir os invasores ao deixar rastros ao contrário, levando-os a se perder na mata e desistir de

seus planos. Diferente do Boitatá, que pune com fogo, o Curupira castiga com a própria floresta: ele usa a natureza contra aqueles que ousam violá-la.

Mas em tempos de máquinas, motosserras e satélites, quem ainda se perde na mata? O desmatamento cresce em ritmo acelerado, e a fúria do Curupira parece insuficiente diante da destruição promovida por grileiros, garimpeiros ilegais e madeireiros. O Brasil, que deveria ser a nação dos guardiões da natureza, é o país que mais mata ambientalistas e defensores das florestas. Se o Curupira fosse real, sua ira estaria voltada para aqueles que expulsam comunidades indígenas de suas terras, que envenenam os rios e que derrubam árvores centenárias em nome do lucro. Quanto as lendas urbanas, que há décadas habitam os becos e vielas da cidade, são histórias carregadas de mistério, medo e, em muitos casos, de denúncia das desigualdades e dos fantasmas que ainda assombram o Rio. Ao trazer essas assombrações para a Sapucaí, a Vila Isabel mergulhará no imaginário popular e também convocará a cidade a refletir sobre seus próprios fantasmas.

Entre as lendas mais conhecidas que podem aparecer no desfile e que todos nós sabemos bem como ela nos assombrou ao longo da infância está a da Loira do Banheiro, uma figura mítica que assombra os banheiros das escolas, hospitais e até shopping centers do Rio de Janeiro. A história, amplamente conhecida entre os jovens da cidade, descreve uma mulher loira, com uma aparência assustadora, que aparece para aqueles que se atrevem a invocar seu nome. A Loira do Banheiro é uma das lendas urbanas mais assustadoras e populares, refletindo o medo do desconhecido e a presença de algo ou alguém que não deve ser desafiado, uma metáfora de como os espaços aparentemente cotidianos podem esconder terrores invisíveis. Outra lenda amplamente conhecida é a do Homem do Saco, uma figura que carrega em um saco crianças desobedientes ou perdidas. Essa lenda não é apenas uma história de assombração, mas também um reflexo do medo de se perder ou de ser punido por algo fora de seu controle. O Homem do Saco aparece como um símbolo de autoridade e opressão, temas que ressoam na realidade carioca, onde crianças em situação de vulnerabilidade estão constantemente expostas à violência e ao tráfico.

A Mulher de Branco também poderia ser uma das presenças fortes no desfile, uma assombração que aparece em pontes e estradas, muitas vezes ligada a histórias de tragédia e dor. Essa lenda geralmente é associada à ideia de perda e saudade, mas também ao abandono das mulheres nas margens da sociedade, especialmente no contexto das violências que afetam as mulheres no Rio, uma cidade marcada por altos índices de feminicídio e violência doméstica. Ainda não posso esquecer da lenda do Caminhoneiro Fantasma, que ronda a estrada Rio-Santos e aparece para motoristas desavisados, que pode trazer um toque de crítica social ao desfile, evocando a falta de segurança e as mortes nas estradas, muitos dos quais causadas por condições precárias de infraestrutura e falta de fiscalização. O Caminhoneiro Fantasma é um espectro que denuncia a falta de responsabilidade do poder público com a segurança e a vida das pessoas. Essas lendas, que circulam pela cidade e são passadas de geração em geração, têm o poder de trazer à tona as contradições e os medos do Rio de Janeiro. Ao trazer essas assombrações para a Sapucaí, a Vila Isabel tem a oportunidade de fazer com que a cidade olhe para si mesma de uma forma diferente, confrontando suas próprias sombras. Para que você fique por dentro de samba de assombração, reproduzimos na íntegra a letra do samba-enredo da Vila Isabel de 2025:

*Embarque nesse trem da ilusão
Não tenha medo de se entregar
Pois nosso maquinista é capitão
E comanda a multidão que vem lá do boulevard...
O breu e o susto em meio a floresta
Por entre os arbustos, quem se manifesta?...
Cara feia pra mim é fome
Vá de retro lobisomem, curupira sai pra lá.
No clarão da lua cheia
Margeando rio abaixo
Ouço um canto de sereia*

*Ê caboclo d'água
Da água que me assombra
A sombra da meia noite
Foi-se a noite de luar
Na tempestade, encantada é a gaiola
Chora viola, pra alma penada sambar*

Nas redondezas credo em cruz ave maria

Quanto mais samba tocava, mais defunto aparecia

Silêncio...

Ao som do último suspiro vai chegar

A batucada suingada de vampiros

Quando o apito anunciar...

Eu aprendi que desde os tempos de criança

A minha vila sempre foi bicho papão

Por isso, me encantei com esse feitiço

Que hoje causa reboiço dentro desse caldeirão

Solta o bicho minha vila dá um baile de alegria

É o povo do samba virado na bruxaria

Quanto mais eu rezo, quanto mais eu faço prece

Mais assombração que aparece